

Carta Encíclica do Sumo Pontífice
FRANCISCO



Laudato Si' Louvado sejas

sobre o cuidado da casa comum

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO



DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

- Carta Encíclica **Caritas in Veritate** sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, *Bento XVI*
- Carta Encíclica **Deus Caritas Est** do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão, *Bento XVI*
- Instrução **Dignitas Personae** sobre algumas questões de Bioética, *Congregação para a Doutrina da Fé*
- Exortação Apostólica do Sumo Pontífice **Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, *Francisco*
- Carta Encíclica **Haurietis Aquas** sobre o Culto do Sagrado Coração de Jesus, *Pio XII*
- Carta Encíclica **Lumen Fidei** do Sumo Pontífice aos bispos, aos presbíteros e aos diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé, *Francisco*
- Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia **Misericordiae Vultus**, *Francisco*
- Carta **para a proclamação de um Ano Sacerdotal**, *Bento XVI*
- Carta Apostólica do Santo Padre **Rosarium Virginis Mariae** sobre o Rosário, *João Paulo II*
- Exortação Apostólica Pós-Sinodal **Sacramentum Caritatis**, *Bento XVI*
- Carta Encíclica **Spe Salvi** sobre a Esperança Cristã, *Bento XVI*
- Carta Encíclica **Veritatis Splendor** sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja, *João Paulo II*

FRANCISCO



Carta Encíclica

Laudato Si'

do Santo Padre

Francisco

sobre o cuidado da casa comum

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO



PAULUS



Edições Loyola

Título original:

Laudato Si'

© 2015 Libreria Editrice Vaticana

Capa: Viviane Bueno Jeronimo

Diagramação: So Wai Tam

Revisão: Ivone Andrade

Sirlene Prignolato

Vero Verbo Serviços Editoriais

Paulus Editora

Rua Francisco Cruz, 229 – Vila Mariana

04117-091 São Paulo, SP

T 55 11 5087 3700

F 55 11 5579 3627

editorial@paulus.com.br

www.paulus.com.br

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822, 341 – Ipiranga

04216-000 São Paulo, SP

T 55 11 3385 8500

F 55 11 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-85-349-4216-4

© PAULUS, São Paulo, Brasil, 2015

ISBN 978-85-15-04294-4

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2015

Sumário

Laudato Si' 9
Nada deste mundo nos é indiferente 10
Unidos por uma preocupação comum 12
São Francisco de Assis 14
O meu apelo 16

19

Capítulo I

O que está acontecendo com nossa casa

1. Poluição e mudanças climáticas 20
Poluição, resíduos e cultura do descarte 20
O clima como bem comum 21
2. A questão da água 24
3. Perda de biodiversidade 26
4. Deterioração da qualidade de vida humana
e degradação social 31
5. Desigualdade planetária 33
6. A fraqueza das reações 37
7. Diversidade de opiniões 40

43

Capítulo II

O Evangelho da criação

1. A luz que a fé oferece 43
2. A sabedoria das narrações bíblicas 44
3. O mistério do universo 51
4. A mensagem de cada criatura na harmonia de toda a criação 55
5. Uma comunhão universal 58

- 6. O destino comum dos bens 60
- 7. O olhar de Jesus 62

65

Capítulo III

A raiz humana da crise ecológica

- 1. A tecnologia: criatividade e poder 65
- 2. A globalização do paradigma tecnocrático 68
- 3. Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências 73
 - O relativismo prático 76
 - A necessidade de defender o trabalho 77
 - A inovação biológica a partir da pesquisa 81

85

Capítulo IV

Uma ecologia integral

- 1. Ecologia ambiental, econômica e social 85
 - 2. Ecologia cultural 88
 - 3. Ecologia da vida cotidiana 90
 - 4. O princípio do bem comum 94
 - 5. A justiça intergeracional 95

99

Capítulo V

Algumas linhas de orientação e ação

- 1. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional 99
 - 2. O diálogo para novas políticas nacionais e locais 105
 - 3. Diálogo e transparência nos processos decisórios 108
- 4. Política e economia em diálogo para a plenitude humana 111
 - 5. As religiões no diálogo com as ciências 116

119

Capítulo VI

Educação e espiritualidade ecológicas

- 1. Apontar para outro estilo de vida 119
- 2. Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente 122

3. A conversão ecológica	125
4. Alegria e paz	128
5. Amor civil e político	131
6. Os sinais sacramentais e o descanso celebrativo	133
7. A Trindade e a relação entre as criaturas	136
8. A Rainha de toda a criação	138
9. Para além do Sol	138
Oração pela nossa terra	140
Oração cristã com a criação	140



1 “*LAUDATO SI', mi' Signore* — Louvado sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordavamos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”¹.

2 Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos.

1. *Cântico das criaturas: Fonti Francescane*, 263.

Nada deste mundo nos é indiferente

3 Mais de cinquenta anos atrás, quando o mundo estava oscilando sobre o fio de uma crise nuclear, o Santo Papa João XXIII escreveu uma encíclica na qual não se limitava a rejeitar a guerra, mas quis transmitir uma proposta de paz. Dirigiu a sua mensagem *Pacem in terris* a todo o mundo católico, mas acrescentava: e a todas as pessoas de boa vontade. Agora, à vista da deterioração global do ambiente, quero dirigir-me a cada pessoa que habita neste planeta. Na minha exortação *Evangelii gaudium*, escrevi aos membros da Igreja, a fim de mobilizá-los para um processo de reforma missionária ainda pendente. Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum.

4 Oito anos depois da *Pacem in terris*, em 1971, o Beato Papa Paulo VI referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é “consequência dramática” da atividade descontrolada do ser humano: “Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação”². E, dirigindo-se à FAO, falou da possibilidade de uma “catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial”, sublinhando a “necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade”, porque “os progressos científicos mais extraordinários, as invenções técnicas mais assombrosas, o desenvolvimento econômico mais prodigioso, se não estiverem unidos a um progresso social e moral, voltam-se necessariamente contra o homem”³.

5 São João Paulo II debruçou-se, com interesse sempre maior, sobre este tema. Na sua primeira encíclica, advertiu que o ser humano parece “não se dar conta de outros significados do seu

2. Carta ap. *Octogesima adveniens* (14 de maio de 1971), 21: AAS 63 (1971), 416-417.

3. *Discurso à FAO, no seu XXV aniversário* (16 de novembro de 1970), 4: AAS 62 (1970), 833; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 22/XI/1970), 6.



ambiente natural, para além daqueles que servem somente para os fins de um uso ou consumo imediatos”⁴. Mais tarde, convidou a uma *conversão* ecológica global⁵. Entretanto fazia notar o pouco empenho que se põe em “salvaguardar as condições morais de uma autêntica ecologia humana”⁶. A destruição do ambiente humano é um fato muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas “nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades”⁷. O progresso humano autêntico possui um caráter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado”⁸. Assim, a capacidade de o ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus⁹.

6 O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite de “eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente”¹⁰. Lembrou que o mundo não pode ser analisado concentrando-se apenas sobre um dos seus aspectos, porque “o livro da natureza é uno e indivisível”, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais. É que “a degradação da natureza está

4. Carta enc. *Redemptor hominis* (4 de março de 1979), 15: AAS 71 (1979), 287.

5. Cf. *Catequese* (17 de janeiro de 2001), 4; *Insegnamenti* 24/1 (2001), 179; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 20/1/2001), 8.

6. Carta enc. *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), 38: AAS 83 (1991), 841.

7. *Ibid.*, 58: o. c., 863.

8. João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis* (30 de dezembro de 1987), 34: AAS 80 (1988), 559.

9. Cf. *Id.*, Carta enc. *Centesimus annus* (1 de maio de 1991), 37: AAS 83 (1991), 840.

10. *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé* (8 de janeiro de 2007): AAS 99 (2007), 73.





estritamente ligada à cultura que molda a convivência humana”¹¹. O Papa Bento XVI propôs-nos reconhecer que o ambiente natural está cheio de chagas causadas pelo nosso comportamento irresponsável; o próprio ambiente social tem as suas chagas. Mas, fundamentalmente, todas elas se ficam a dever ao mesmo mal, isto é, à ideia de que não existem verdades indiscutíveis a guiar a nossa vida, pelo que a liberdade humana não tem limites. Esquece-se que “o homem não é apenas uma liberdade que se cria por si própria. O homem não se cria a si mesmo. Ele é espírito e vontade, mas é também natureza”¹². Com paterna solicitude, convidou-nos a reconhecer que a criação resulta comprometida “onde nós mesmos somos a última instância, onde o conjunto é simplesmente nossa propriedade e onde o consumimos somente para nós mesmos. E o desperdício da criação começa onde já não reconhecemos qualquer instância acima de nós, mas vemo-nos unicamente a nós mesmos”¹³.

Unidos por uma preocupação comum

Estas contribuições dos Papas recolhem a reflexão de inúmeros cientistas, filósofos, teólogos e organizações sociais que enriqueceram o pensamento da Igreja sobre essas questões. Mas não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, em outras Igrejas e Comunidades cristãs — bem como em outras religiões — se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que a todos nos estão a peito. Apenas para dar um exemplo particularmente significativo, quero retomar brevemente parte da contribuição do amado Patriarca Ecumênico Bartolomeu, com quem partilhamos a esperança da plena comunhão eclesial.

11. Carta enc. *Caritas in veritate* (29 de junho de 2009), 51; AAS 101 (2009), 687.

12. *Discurso ao Bundestag*, Berlim (22 de setembro de 2011): AAS 103 (2011), 664; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5.

13. Bento XVI, *Discurso ao clero da diocese de Bolzano-Bressanone* (6 de agosto de 2008): AAS 100 (2008), 634; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 16/VIII/2008), 5.

O Patriarca Bartolomeu tem-se referido particularmente à necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, porque “todos, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos”, somos chamados a reconhecer “a nossa contribuição — pequena ou grande — para a desfiguração e a destruição do ambiente”¹⁴. Sobre este ponto, ele pronunciou-se repetidamente, de maneira firme e encorajadora, convidando-nos a reconhecer os pecados contra a criação: “Quando os seres humanos destroem a biodiversidade na criação de Deus; quando os seres humanos comprometem a integridade da terra e contribuem para a mudança climática, desnudando a terra das suas florestas naturais ou destruindo as suas zonas húmidas; quando os seres humanos contaminam as águas, o solo, o ar... tudo isso é pecado”¹⁵. Porque “um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e um pecado contra Deus”¹⁶.

Ao mesmo tempo Bartolomeu chamou a atenção para as raízes éticas e espirituais dos problemas ambientais, que nos convidam a encontrar soluções não só na técnica, mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos enfrentando apenas os sintomas. Propôs-nos passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que “significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que o mundo de Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência”¹⁷. Além disso nós, cristãos, somos chamados a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão, como forma de partilhar com Deus e com o próximo numa escala global. É nossa humilde convicção que o divino e o humano

14. *Mensagem para o Dia de Oração pela salvaguarda da criação* (1 de setembro de 2012).

15. *Discurso em Santa Bárbara*, Califórnia (8 de novembro de 1997); cf. John Chrysavgis, *On Earth as in Heaven: Ecological Vision and Initiatives of Ecumenical Patriarch Bartholomew* (Bronx/Nova York 2012).

16. *Ibid.*

17. *Conferência no Mosteiro de Utstein*, Noruega (23 de junho de 2003).



se encontram no menor detalhe da túnica inconsútil da criação de Deus, mesmo no último grão de poeira do nosso planeta”¹⁸.

São Francisco de Assis

10 Não quero prosseguir esta encíclica sem invocar um modelo belo e motivador. Tomei o seu nome por guia e inspiração, no momento da minha eleição para Bispo de Roma. Acho que Francisco é o exemplo por excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade. É o santo padroeiro de todos os que estudam e trabalham no campo da ecologia, amado também por muitos que não são cristãos. Manifestou uma atenção particular pela criação de Deus e pelos mais pobres e abandonados. Amava e era amado pela sua alegria, a sua dedicação generosa, o seu coração universal. Era um místico e um peregrino que vivia com simplicidade e numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros, com a natureza e consigo mesmo. Nele se nota até que ponto são inseparáveis a preocupação pela natureza, a justiça para com os pobres, o empenho na sociedade e a paz interior.

11 O seu testemunho mostra-nos também que uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano. Tal como acontece a uma pessoa quando se enamora por outra, a reação de Francisco, sempre que olhava o sol, a lua ou os minúsculos animais, era cantar, envolvendo no seu louvor todas as outras criaturas. Entrava em comunicação com toda a criação, chegando mesmo a pregar às flores “convidando-as a louvar o Senhor, como se gozassem do dom da razão”¹⁹. A sua reação ultrapassava de longe uma mera avaliação intelectual ou um cálculo econômico, porque, para ele,

18. Bartolomeu, Discurso *Global Responsibility and Ecological Sustainability: Closing Remarks*, I Cúpula de Halki, Istambul (20 de junho de 2012).

19. Tomás de Celano, *Vita prima di San Francesco*, XXIX, 81: *Fonti Francescane*, 460.



qualquer criatura era uma irmã, unida a ele por laços de carinho. Por isso, sentia-se chamado a cuidar de tudo o que existe. São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, “enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas — por mais desprezíveis que parecessem — o doce nome de irmãos e irmãs”²⁰. Essa convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem essa abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio.

12 Por outro lado, São Francisco, fiel à Sagrada Escritura, propõe-nos reconhecer a natureza como um livro esplêndido onde Deus nos fala e transmite algo da sua beleza e bondade: “Na grandeza e na beleza das criaturas, contempla-se, por analogia, o seu Criador” (Sb 13,5) e “o que é invisível n’Ele — o seu eterno poder e divindade — tornou-se visível à inteligência, desde a criação do mundo, nas suas obras” (Rm 1,20). Por isso, Francisco pedia que, no convento, se deixasse sempre uma parte do horto por cultivar, para aí crescerem as ervas silvestres, a fim de que, quem as admirasse, pudesse elevar o seu pensamento a Deus, autor de tanta beleza²¹. O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério gozoso que contemplamos na alegria e no louvor.

20. *Legenda Maior*, VIII, 6: *Fonti Francescane*, 1145.

21. Cf. Tomás de Celano, *Vita seconda di San Francesco*, CXXIV, 165: *Fonti Francescane*, 750.





Que tal continuar a leitura?

Adquira já o seu exemplar!



Comprar